

Dos montes, das pedras e das águas

Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade

ANA M. S. BETTENCOURT
LARA BACELAR ALVES

[Eds.]



Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na Pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português)

Between hills and waters: essay on the perception of the limits in Prehistory in the coastal area between the Minho and Lima rivers (Northwestern Portugal)

Ana M.S. Bettencourt*

Resumo: A plataforma litoral é relativamente estreita e delimitada por uma Arriba Fóssil com vertentes de pendor acentuado, sensivelmente paralela ao mar, sendo interrompida apenas no promontório de Montedor. Todas estas características provocam um efeito cénico e visual de profundo isolamento em relação ao relevo interior, apenas quebrado pelas fozes dos rios Minho, Âncora e Lima. Foi neste cenário com características impressionantes entre o mar – a oeste (desconhecido e perigoso), a arriba fóssil – a este (de difícil acessibilidade e nos limites da terra e do céu) e o estuário dos rios (porta de entrada ou de saída para mundos insuspeitados) que as comunidades pré-históricas desenvolveram uma série de acções que culminaram na gravação de afloramentos com motivos de carácter zoomórfico ou circulares, designadas por “arte atlântica”, entre outras. A partir do inventário dessas gravuras, se bem que preliminar, da sua contextualização física e ambiental, assim como da maior ou menor complexidade dos motivos inscritos nas rochas e partindo do princípio de que elas materializam, em parte, o modo como as comunidades se implicaram e perceberam o mundo, esboçamos algumas hipóteses de trabalho que necessitam de uma maior base empírica para a sua futura confirmação. Em primeiro lugar considerámos que a “arte atlântica” e as acções que lhes são inerentes se parecem relacionar com o movimento das águas fluviais (desde as suas nascentes até à foz) e dos mares, e com os lugares liminares entre as águas, a terra e o céu, numa cosmovisão que daria especial relevo ao encontro destes diferentes elementos.

Nesta perspectiva presumimos que as fozes e os estuários dos rios Minho e Lima teriam sido lugares de significação simbólica de grande importância colectiva por serem, simultaneamente, locais onde se encontram as águas dos mares com as dos rios e as águas com a terra.

Considerámos, também, que todo a fachada litoral entre os rios Lima e Minho, terá sido um cenário igualmente relevante no universo simbólico das populações pré-históricas, tendo em conta a altitude dos maciços graníticos aí existentes e o facto de, nos seus cumes, existirem inúmeras nascentes que alimentam um grande número de linhas de águas que correm nas suas vertentes de forte pendente. De salientar que toda esta área é um lugar liminar de encontro entre a terra e o mar bastante estreito e isolado.

* Departamento de História da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM/UM. ana-bett@uaum.uminho.pt

Uma terceira hipótese equacionada foi a de que as gravuras no topo dos montes materializariam a importância cosmológica destes lugares, simultaneamente de nascentes e de limite entre a terra e o céu, talvez mais interditos em termos sociais do que os cenários com maior número de gravuras e localizados nas plataformas baixas e médias das vertentes. Estes representariam lugares de maior sociabilização, ritualização e celebração do mundo. Por fim, admitimos, na senda de R. Bradley, de que as comunidades que gravaram estes motivos seriam portadores de uma certa mobilidade, o que se adequaria bem com uma cosmovisão que parece privilegiar o percurso das águas e os diferentes lugares liminares no seio de uma região relativamente restrita, o que está de acordo com o que conhecemos para o Neolítico e o Calcolítico regional.

Palavras-chave: Noroeste de Portugal; Fachada litoral entre o Lima e o Minho; “Arte atlântica”; Simbolismo dos “lugares de limite”.

Abstract: The coastal platform is narrow and enclosed by a Fossil Cliff with abrupt slopes, roughly parallel to the sea, being interrupted only in the Montedor promontory. All these features lead to a scenic and visual effect of isolation in relation to the inner landscape, only broken by the mouths of the Minho, Lima and Ancora rivers. It was in this scenery with impressive features, between the sea – to the West (unknown and dangerous), the fossil cliff – to the East (with poor accessibility and in the border between earth and heaven) and the estuary of the river (port of entry or exit to unsuspected worlds) that the prehistoric communities developed a series of actions that culminated in the engraving of outcrops with zoomorphic or circular motifs, among others.

From the preliminary inventory of these rock carvings, their physical and environmental context as well as the varying complexity of the motifs recorded, and assuming they materialize, in part, how the communities were involved and perceiving the world, we drew some working hypotheses that needs further empirical basis for future confirmation.

First we thought that the “atlantic rock art” and actions associated with them seem to relate to the movement of river and sea and the liminal places between water, earth and sky. A worldview that would give special emphasis to the assemble of these different elements.

With this in mind we felt that the mouths and estuaries of the Minho and Lima rivers would have been places of great symbolic and collective significance because they are both meeting places for the seas and rivers and for the waters with the land.

We also consider that the entire coastal facade between the Minho and Lima rivers was a relevant scenery in the perception of the world, taking into account the altitude of the granite hills that exist there and the fact that, in their peaks, there are several springs that feed a large number of water lines that run across its strong pending. Note that this whole area, quite isolated, it’s a liminal place of encounter between land and sea.

A third hypothesis argues that the rock carvings at the top of the hills materialize the cosmological importance of these places, of water sources and of the boundary between earth and sky, perhaps they were more socially forbidden than the scenarios with the highest number of rock carvings, located in low and middle slopes. These represent places of higher socialization, ritual and celebration of the world.

Finally, we admit, just as R. Bradley, that communities that recorded these kind of images would carry a degree of mobility, which would fit well with a worldview that seems to favour the “route of the waters” and the different boundary places, which is consistent with what we know to the regional Neolithic and Chalcolithic.

Keywords: Northwest of Portugal; Coastal facade between Lima and Minho; “Atlantic rock art”; Symbolism of the liminal places.

1. A faixa costeira entre o Minho e o Lima

Apesar do litoral Norte de Portugal se ter alterado ao longo do Holocénico e da linha da costa ter estado mais afastada algumas dezenas de metros do que actualmente durante a Pré-história Recente, de uma forma geral podemos admitir que a

plataforma litoral compreendida, entre a margem sul do rio Minho e a foz do rio Lima, sempre foi relativamente estreita. Delimitada a Este por uma Arriba Fóssil, que se desenvolve aproximadamente no sentido Norte-Sul, com vertentes de pendor acentuado, e a Oeste pelo Oceano Atlântico onde emerge inúmera penedia, este espaço provoca um efeito cénico de isolamento em relação ao relevo interior, apenas quebrado pelas fozes dos rios Minho, Âncora e Lima (Fig. 1).

Entre o Lima e o Âncora a plataforma litoral, actualmente de constituição arenosa, é apenas interrompida pela colina granítica de Montedor-Carreço, com 103 m de altitude máxima (Fig. 2). A Este é delimitada pela serra de Santa Luzia, um maciço granítico que atinge uma altitude máxima de 549 m, correspondendo as cotas mais altas a planaltos descontínuos, onde ocorrem inúmeras formações graníticas.

Entre o rio Âncora e a foz do Minho destaca-se o Monte de Santo Antão, formação granítica também orientada no sentido Norte-Sul, chegando a atingir a cota máxima de 443 m. No seu topo existem, igualmente, planaltos (Fig. 3).

A Norte do Minho ergue-se o imponente Monte de Santa Tecla ou Trega, já na Galiza, com configuração cónica, 680 m de altitude máxima e declives acentuados (Fig. 4).

Se o Minho e o Lima são dois grandes rios que nascem em território galego, navegáveis até vários quilómetros para o seu interior e com excelentes estuários, o Âncora é um pequeno rio que percorre apenas 19 km, desde a sua nascente, na serra de Arga, uma grande elevação granítica de orientação Norte-Sul, e de 825 m de altitude máxima e vertentes abruptas, que cortam a linha do horizonte para o interior.

Foi neste cenário com características impressionantes entre o mar – a oeste (desconhecido e perigoso), a arriba fóssil – a este (de difícil acessibilidade e nos limites da terra e do céu) e os estuários dos rios (portas de entrada ou de saída para mundos insuspeitados) que, durante a Pré-história Recente, viveram uma série de comunidades e se desenvolveram, a par dos actos do quotidiano, uma série de acções em torno de alguns espaços que implicaram a gravação de determinados afloramentos graníticos. Tal terá tornado visível os significados pré-existentes desses lugares ou ter-lhes-á adjudicado novos sentidos e materializado, em parte, o modo como as comunidades se implicaram com o meio, o perceberam e o celebraram.

Referimo-nos a um conjunto de gravuras rupestres de temática abstracta vulgarmente designadas por “arte atlântica” e bastante comuns no Alto Minho, cuja gravação poderá remontar ao Neolítico (Alves 2003), estando em uso, nalguns locais, até à Idade do Ferro (Santos Estévez 2008; Dinis & Bettencourt 2009).

2. Objectivos

Dada a impossibilidade do estudo destas gravuras numa perspectiva holística que envolva a sua inter-relação com estratégias de povoamento, contextos e práticas

funerárias, entre outras¹, este trabalho centrar-se-á na localização topográfica e nas condições de acessibilidade e de visibilidade que apresentam os locais com gravuras rupestres, em inter-relação como as unidades geomorfológicas e hidrológicas que existem na região, com vista à elaboração de algumas hipóteses de trabalho sobre a forma como as comunidades que os construíram e frequentaram terão “percebido” o meio onde estavam imersas.

3. Premissas teóricas

Nortearam este trabalho alguns princípios e conceitos sem os quais seria difícil pensar e interpretar a importância dos lugares e das imagens rupestres.

Primeiro, que o espaço natural, o mundo físico e a matéria não são apenas meros suporte das acções mas parte integrante dela e não devem ser tratado como inertes, inanimados, mas como componentes activos do espaço vivo com propriedades, espíritos ou entidades supra-naturais (Bradley 2000; Jones 2007).

Segundo, que as gravuras ou as imagens inscritas neste espaço são símbolos materiais ou representações simbólicas de um universo ideológico (Hodder 1982), isto é, a corporização de algumas ideias que foram materializadas e que existem na mente humana.

Terceiro, que o mundo sobrenatural, na sua dimensão simbólica, revela um grande número de imagens “fantásticas” que traduzem uma articulação entre a percepção e o imaginário (Braga 2007).

Quarto, que as imagens ou as gravuras implicam acções nas suas imediações para terem repercussão social ou transmitirem crenças e mitos, pois as imagens gravadas não são meios de transmissão ou representações de um discurso de forma imediata, não têm autonomia simbólica. São sim agentes activos nas práticas e nas relações sociais (Ingold 2000, Barret 2003) que governam a mediação simbólica, ou seja, que funcionam quando são evocadas as suas propriedades quer através de visível (que implica participação colectiva) quer do invisível (Braga 2007).

Quinto, que a medialidade simbólica da imagem e dos elementos narrativos que se lhe interligam pressupõe acções de carácter performativo e a existência de crenças e de crenças, ou seja, de participação colectiva. Tais acções são, portanto, capazes de criar e transmitir memória colectiva e um sentido de pertença e de grupo, ou seja, de identidade social (Braga 2007).

Sexto, que as acções e as imagens podem ter, para uma só audiência ou para uma só comunidade uma multiplicidade de interpretações ou de níveis de interpretação consoante o nível de acesso ao conhecimento que lhes é permitido (Layton 1991),

¹ Devido à inexistência de projectos de investigação sistemáticos para a Pré-história desta região ou a não publicação dos poucos trabalhos aqui realizados.

pelo que poderão representar, também, lugares de negociação e de manipulação do poder simbólico.

4. Os lugares gravados

As gravuras rupestres desta região são mal conhecidas. O que sabemos resulta de antigas publicações, mais ou menos monográficas, de referências parciais e de algumas prospecções realizadas no âmbito deste trabalho o que permitiu a contextualização de muitos sítios referidos na bibliografia e a identificação de outros. Tendo consciência da parcialidade do trabalho de campo desenvolvido por nós e a quantidade de novas gravuras encontradas é de supor que esta região contenha um maior número de lugares gravados que urge conhecer e continuar a estudar.

Por uma questão operacional dividimos a área de trabalho em duas. A primeira compreende toda a fachada ocidental existente entre a foz do Lima e a do Âncora e a segunda, entre a foz deste rio e a do Minho.

Na primeira subárea destacamos, no extremo sul do **Monte de S. Luzia** (Fig. 5), no local hoje ocupado pela Citânia, pela Pousada e pela Basílica com o mesmo nome, com grande visibilidade para o oceano, para a foz e estuário do rio Lima, a existência de gravuras rupestres. Durante as obras de edificação da Pousada foi destruído um afloramento localizado numa vertente que ficava nas traseiras da antiga capela aqui existente, “*junto das ruínas das muralhas da Cividade de Santa Luzia*” e que F. Cardoso (1897: 170-171) publicou. Era sobrelevado, com um declive de 23°, “*uma superfície trapezoidal (voltada para Oeste) de 4,5 m de comprimento e de 2,6 m na sua maior altura*” e continha 62 covinhas circulares e elípticas dispostas em 7 linhas ligadas por sulcos na vertical, por 1 linha na horizontal (Fig. 6) ou agrupadas, quer no meio da pedra quer na sua parte mais alta.

Décadas depois, nos anos 70 do séc. XX, nas limpezas e na observação dos entulhos provenientes de antigas escavações do povoado da Idade do Ferro já citado, uma equipa liderada por O. Veiga Ferreira, detectou novas evidências de gravuras rupestres que descrevem sumariamente (Ferreira *et al.* 1980). Publicam, então, uma pedra com uma espiral e alguns sulcos, certamente resultante da fractura de algum afloramento com “*arte atlântica*”. Na mesma altura identificam um penedo com, pelo menos, um antropomorfo, pequenos sulcos que os autores consideraram serpentiformes e diversos cruciformes de base arredondada e quadrangular que poderão ser já de época cristã ou adulterações de figuras anteriores (Fig. 7). Descobrem igualmente três estelas, duas delas grosseiramente antropomórficas. A de maiores dimensões (com mais de 80 cm de altura e de 40 cm de largura²) fazia parte da parede da casa n.º 69 que se localiza na plataforma superior a Oeste-Noroeste da entrada do recinto superior murado.

² Medidas aproximadas a partir da escala gráfica que acompanha o desenho desta estela.

Pelas semelhanças iconográficas entre esta estela e as restantes e pela simbologia que uma delas apresenta, parecendo representar um escudo no centro da composição, à semelhança das “estátuas de guerreiros”, em pedra, cremos que todas poderão ser da Idade do Ferro ou da Romanização e, portanto, contemporâneos do tempo de vida da citânica (Fig. 8).

Mais para Norte, nas plataformas altas da vertente oeste da serra de Santa Luzia, A. Viana referia, em 1930, a existência de gravuras rupestres em “Traz do Pinheiro”, lugar de S. Mamede, freguesia da Areosa. Em visita a este lugar inventariámos, não uma, mas três *loci* com gravuras. Aquele que seria o sítio de Trás do Pinheiro é, na verdade, conhecido como o Cabeço da Boucinha³. Aí, na parte mais elevada, num penedo granítico horizontalizado que se oriente de Oeste para Este, detectámos dois círculos concêntricos, um deles associado a um pequeno sulco. Trata-se do **Cabeço da Boucinha I**, com excelente visibilidade para a plataforma litoral, a Oeste, e para o vale do Rego Fureiro, a Sul e a Oeste (Figs. 9a, 9b). Esta linha de água desagua no rio do Pego que passa a Norte deste cabeço, em vale encaixado. O **Cabeço da Boucinha II** fica a uma cota inferior, num caos de blocos mais sobranceiro aos vales referidos, a algumas dezenas de metros do primeiro. Aqui, num penedo do lado Sul, há um motivo reticulado e, num outro, uma covinha.

Nesta mesma freguesia e lugar, mas já nos planaltos do cume da serra de Santa Luzia, a oeste da Laje do Milho e dos Escampados, a Sul dos Escampadinhos e a Sudeste dos Regos (linhas de água) ficam as gravuras que designámos por **Montes da Areosa I**. Trata-se de um afloramento aplanado no topo de um pequeno outeiro, orientado de Oeste para Este, com alguma visibilidade para o oceano mas, sobretudo, com visibilidade imediata para um grande lameiro do interior deste planalto e para o Rio Velho que lhe passa a nascente. Aqui gravaram-se três pequenas espirais (Figs. 10a, 10b).

Mais a Norte, na freguesia de Carreço, concelho de Viana do Castelo são conhecidos diversos núcleos de “arte atlântica” assim como da denominada “arte esquemática”, quase todos eles localizados nas plataformas baixas das vertentes da serra de Santa Luzia, mas com visibilidade para o atlântico.

Referimo-nos, de Sul para Norte, ao núcleo de **Figueiró**, que parece ter sido constituído, originalmente, por três afloramentos gravados existindo actualmente apenas dois em mau estado de conservação: Figueiró I e Figueiró II, no lugar de Troviscoso mas nos limites com o lugar de Carreço (Viana 1960; Alves 1980; Batista 1986, Alves 1989). **Figueiró I**, também chamado de Figueiral por A. Viana (1960: 224) era um afloramento de granito de grão grosso, destacado na paisagem, com cerca de 10 m de comprimento no sentido Oeste-Este, sensivelmente o mesmo, no sentido oposto (apesar de já estar partido pelo lado Nordeste) e cerca de 5,50 m

³ Agradecemos ao Sr. João Gomes Fernandes, morador no Lugar de S. Mamede, as informações prestadas.

de altura. Foi quase integralmente destruído antes de 1946 (Viana 1960) embora L. Alves (1989: 20) diga que ainda é possível visualizar algumas gravuras. Segundo os desenhos publicados por A. Viana (1960) continha círculos concêntricos, vários motivos ovalados ou grosseiramente rectangulares preenchidos por grelhas irregulares, alguns com mais de 50 cm de altura, círculos raiados, pequenos círculos simples (Fig. 11). A “*curta distância*” para Sul do primeiro ficava outro afloramento gravado que denominaremos de **Figueiró/Figueiral II**, e que foi picado para destruir as gravuras (Alves 1989: 20). Era de grandes dimensões e “*fortemente inclinado de Norte para Sul*” com as gravuras pouco nítidas devido ao desgaste “*ocasionado pelo rapazio das vizinhanças, que sobre a laje costumavam deixar-se escorregar, sentados em pequenas pedras e latas velhas*” e aos líquenes que a cobriam (Viana 1960: 225). Segundo este autor ali teriam existido “*grandes sulcos lineares (...) ligados a covinhas, e também a uma grande composição quadrangular, reticulada*”. Destaca, ainda, uma espiral, “*sulcos muito extensos, mais ou menos sinuosos*”, uma figura rectangular de cantos arredondados, segmentada interiormente, e vários círculos raiados.

Deste lugar temos a destacar, igualmente as gravuras da **Eira do Louvado**, nas imediações da Casa do Louvado e nas traseiras da Quinta de Troviscoso (Baptista 1986). Apesar do afloramento se encontrar muito erosionado foi possível identificar cruciformes, covinhas, composições reticuladas, etc.

Já no lugar de Carreço, freguesia do mesmo nome, a pouco menos de 1 km para Norte da Eira do Louvado, fica a **Laje da Lança/Eira dos Pobres**, parcialmente danificada pela construção de um muro que delimita a Casa da Lança. Está gravada com cruciformes, covinhas, cruces e inscrições, resultantes provavelmente de diferentes fases (Batista 1986).

No promontório de Montedor há, também, um número significativo de gravuras rupestres, quer da “*arte atlântica*”, quer “*esquemática*”, entre outras de difícil integração estilística, distribuídas administrativamente por diferentes lugares desta freguesia. Referimo-nos a **Fornelos I e II**, à **Sinadora I**, à **Cortelha ou Fraga do Bica**, ao **Lugar dos Moinhos** e à **Pedra do Sol** (Viana 1960; Lanhas 1970; Paço 1970; Alves 1980, 1989; Baptista & Magalhães 1985; Batista 1986; Novoa Álvarez & Costas Goberna 2004; Silva & Alves 2005; dados inéditos).

O mais conhecido é o de **Fornelos I e II**, no lugar de Carreço, na base da vertente sudoeste da colina de Montedor, na linha da costa e em suportes verticais virados a Sul e a Oeste, respectivamente, com visibilidade para a plataforma litoral, para a enseada que lhe fica subjacente e para uma série de afloramentos com inúmeros veios de quartzo existentes no local. Aqui ocorrem inúmeros zoomorfos, na sua maioria, equídeos, por vezes parecendo montados (Figs. 12a, 12b); um eventual antropomorfo; entre outros motivos de mais difícil interpretação (Baptista & Magalhães 1985; Baptista 1986; Novoa Álvarez & Costas Goberna 2004; Silva & Alves 2005). Apesar de parte destas gravuras terem sido levantadas através de decalque, da técnica bicromática e da moldagem em gesso (Baptista & Magalhães 1985; Baptista 1986;

Novoa & Costas Governa 2004) o seu estudo monográfico está por fazer. O acesso aos painéis é restrito e poderá ser efectuado apenas por 3 ou 4 pessoas, no entanto a sua visibilidade é grande a partir da área que lhe fica em frente, sobretudo de um grande afloramento aplanado, no meio do qual se inscreve um cruciforme.

Numa plataforma média da vertente Sul desta colina, nas imediações da antiga capela da Sr.^a do Bom Sucesso, fica a **Lage do Bica**, também conhecida por **Cortelha(o) ou Fraga do Bica**, igualmente no lugar de Carreço. Trata-se de um painel vertical de grandes dimensões, com cerca de 6 m de largura por 5 m de altura gravado essencialmente com cruciformes, por vezes sobrepostos, alguns rematados por um rectângulo em baixo relevo (Baptista & Magalhães 1985; Baptista 1986; Alves 1989) ou rodeados por círculos. I. Baptista e C. Magalhães (1985: 100) publicam um cruciforme com a base em arco aparentando ter a representação do sexo masculino que fazem derivar de antropomorfos e que seria conveniente confirmar (Figs. 13a, 13b).

No **Lugar dos Moinhos**, também pertencente ao lugar de Carreço, onde existem tês construções deste tipo, numa plataforma média da vertente Sudoeste de Montedor registam-se cruciformes em suportes horizontais, quer na soleira da porta de uma destas estruturas, quer no afloramento onde assenta, pelo lado Nordeste. Este último foi publicado (Baptista & Magalhães 1985; Baptista 1986).

Numa plataforma, perto do que é hoje a linha da costa, a Oeste-Noroeste do topo de Montedor, no lugar de Carreço, destaca-se um conjunto de blocos graníticos, impressivo no horizonte, que denominámos de **Sinadora I** (Fig. 14a). Neste caos de blocos encontra-se um afloramento aplanado na superfície superior, disposto de Oeste para Este, ladeado a Norte e a Sul por afloramentos mais altos, onde se inscrevem dois círculos concêntricos (Fig. 14b). Em afloramentos mais pequenos deste conjunto, ainda inédito, aparecem composições circulares, alguns delas com covinha central e apêndices, e o que parecem ser reticulados. Nesta área, rica em veios de quartzo, encontra-se a Fonte da Sinadora.

Numa plataforma junto ao mar, a Noroeste do alto de Montedor, pertencente ao lugar de Paçô (Sarrosa), existe a **Pedra do Sol**, um afloramento algo destacado, embora parcialmente partido, no topo do qual se regista uma composição monumental, gravada através de sulcos e de covinha (Baptista 1986), numa temática algo inédita. Segundo esta autora existem na área dois outros afloramentos com motivos similares.

Ainda no lugar de Pacô a Norte da freguesia de Carreço, numa plataforma baixa da vertente da serra de Santa Luzia, e nas imediações de uma linha de água, fica a **Lage da Churra**, descoberta e noticiada por L. Alves (1980). Trata-se de um grande afloramento sobrelevado, parcialmente destruído a Norte por construções, visto encontrar-se no meio do casario deste lugar (Fig. 15a). Apresenta, nas várias pendentes, motivos circulares, como círculos raiados e espirais (Fig. 15b), covinhas, sulcos, zoomorfos, antropomorfos, reticulados, entre outros difíceis de descortinar sem um estudo pormenorizado (Fig. 15c).

Igualmente em Paçô, numa plataforma da vertente média da serra de Santa Luzia, há a registar as gravuras do **Lajão I**, inéditas. Deste local há uma excelente visibilidade para a plataforma litoral e para a colina de Montedor, a Oeste, assim como para um caos de blocos de configuração espectacular e ligeiramente antropomórfica ou zoomórfica (parecendo um rosto humano ou de uma ave) localizado no cume da serra, a Este. O Lajão I, a Sul de uma linha de água que corre de Nascente para Poente, é um afloramento de grandes dimensões, atravessado por veios de quartzo entre outras rochas intrusivas, de orientação Norte-Sul (Figs. 16a, 16b). Apesar de ser aplanado no topo é bastante sobrelevado para quem atinge este lugar vindo do litoral, não podendo ver as gravuras que apenas se distribuem na parte superior. Os motivos que melhor se visualizam são alguns círculos concêntricos, agrupados e distribuídos a Sul, apesar de aí existirem outros motivos menos perceptíveis. A Norte, perto de um pequeno quartzo que emerge deste afloramento, está gravado um zoomorfo esquemático, montado, semelhante aos de Fornelos I. Na área houve exploração tradicional de pedra que terá partido um segundo afloramento gravado, também, com composições circulares, segundo fotografia tirada há cerca de 20 anos por Ivone Baptista e que tivemos oportunidade de observar.

Seguindo a serra de Santa Luzia para Norte, há as gravuras do **Monte da Suvidade**, no lugar de Revolta, freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo, localizadas no topo da vertente Sudeste deste monte, nas imediações de uma linha de água que alimenta o pequeno rio de Cabanas, à cota de c. 140 m e com excelente visibilidade para o oceano e para Montedor⁴. Aqui, numa rocha sobrelevada para quem sobe, de superfície irregular, com algumas fissuras e veios de quartzo e mais de 6 m de comprimento por 5,5 m de largura, destacam-se composições circulares, algumas delas aproveitando o relevo da própria rocha para a configuração final dos motivos, num diálogo intrínseco entre a forma do “suporte” e o sentido dos signos e das acções que lhes são inerentes (Fig. 17).

Relacionadas com o mar e o estuário do Âncora, e na freguesia do mesmo nome, concelho de Caminha, há a registar as gravuras do **Lugar de Barreiros**, na vertente Norte do Monte da Suvidade, com um reticulado, entre outros motivos pouco perceptíveis, e um cruciforme, num afloramento próximo (actualmente desaparecidas), as da **Quinta do Socorro**, na vertente Nordeste da Monte da Suvidade, com gravuras circulares⁵ e as da **Bouça**, no Lugar das Trindades, numa plataforma a meio da vertente Noroeste da serra de Santa Luzia, à cota de c. 140 m e nas proximidades de

⁴ Estas gravuras, inéditas, foram referidas em dois trabalhos escolares no âmbito do Curso em Arqueologia da Universidade do Minho que passamos a citar: Costa, M. B. (2008). *Arte Atlântica do Noroeste. Bacias dos rios Âncora e Neiva*, Braga, Univ. do Minho (Policopiado); Maciel, J.L. (2008). *A Arte Atlântica do Noroeste Peninsular: as bacias dos rios Neiva e Âncora*, Braga, Univ. do Minho (Policopiado).

⁵ Estas duas estações arqueológicas vêm citadas no Endovélico, processo 2001/1(562), CNS 16946 e 16948, respectivamente. Agradecemos a Rui Barbosa algumas informações detalhadas sobre estes processos e a tentativa que fez connosco para realocar as gravuras.

uma linha de água que drena para o rio Âncora⁶. Estas gravuras, que correspondem a composições circulares, um reticulado e um eventual pedomorfo, popularmente conhecido por “pezinho”, distribuem-se por uma superfície horizontalizada, já fracturada na extremidade Norte, apesar do bloco partido ter jazido nas suas proximidades com uma gravura, também circular (Fig. 18) (Rego 2003 e dados inéditos).

Entre a foz do Âncora e a foz do Minho, no Monte de Santo Antão, há a referir o **Penedo das Micas I**, a Sul do Lugar do Moinho, na freguesia de Cristelo (Sarmiento 1999: 238)⁷, numa plataforma média da vertente Oeste daquele monte, perto de uma nascente, a Mãe de Água, com visibilidade para o oceano e o estuário do Minho. Trata-se de um afloramento horizontalizado, com mais de 3 m de comprimento por 2 m de largura, onde se notam composições circulares (círculos concêntricos, círculos raiados), sulcos, covinhas e outras quadrangulares, por vezes sobrepondo as primeiras, entre outras figuras de difícil classificação (Fig. 19). Na zona há, ainda, outros afloramentos com covinhas.

Na extremidade Norte do Monte de Santo Antão, à foz do Minho, destaca-se a Sudoeste da capela dedicada a este santo, na freguesia de Moledo, um núcleo de gravuras praticamente inéditas⁸ que designámos por **St.º Antão I**. Estas distribuem-se por um amontoado de blocos graníticos que se destacam no alto de um pequeno outeiro, nos limites entre a linha de cumeada e a vertente Oeste. Daqui, a visibilidade é de 360°, embora seja mais impressionante para Norte, para o Monte de Santa Trega e para Oeste, onde se encontra a linha da costa. Em diversos afloramentos, atravessados por veios de quartzo, feldspato e mica há motivos abstractos, como reticulados, covinhas, uma espiral (?), um círculo concêntrico (?), sulcos, cavidades rectangulares e ovais de origem antrópica, entre muitos outros motivos pouco visíveis sem um estudo de pormenor (Figs. 20b, 20c). É possível que este local possa ter sofrido processos de adição, na longa duração. Ainda hoje é usado secretamente para cultos pagãos conforme pudemos testemunhar pelas deposições aí encontradas (Fig. 20a).

Cerca de 25 m para Sudeste de Santo Antão I há um afloramento bastante enterrado e pouco destacado no solo, onde foi gravado um círculo concêntrico e que designámos por **Santo Antão II** (Fig. 21). O campo visual a partir deste lugar é muito mais fechado do que o anterior, sendo perceptível, no território que se estende para Sul, Sudeste e Sudoeste um pequeno vale por onde corre uma linha de água que nasce na parte mais elevada do planalto e drena para o mar.

Há referências a outros núcleos de “arte atlântica”, inéditos, neste monte, alguns deles localizados nas vertentes Este e Nordeste, que não tivemos oportunidade de

⁶ Ver nota 4.

⁷ Gravuras citadas também no em <http://epimeteu.blogspot.com>.

⁸ Estas gravuras são conhecidas da CONDECA – Comissão de Melhoramentos e Defesa do Património Cultural de Caminha, com sede na Rua 31 de Janeiro, n.º 29, loja 41, 4910 – Vila Praia de Âncora, a quem agradecemos a informação. No blogue “vozesdecaminha.blogspot.com”, encontram-se algumas descrições do local.

visitar mas que demonstram a complexidade e a importância deste lugar de limite.

Do outro lado do rio Minho, fica o **Monte de Santa Tecla/Trega**, A Guarda, Pontevedra, de configuração cónica para quem o avista de Sul e do interior do rio. Aqui, identificaram-se mais de 30 afloramentos com arte atlântica, onde predominam as composições circulares (círculos concêntricos e espirais), covinhas e sulcos, a várias cotas e nas plataformas das mais diversas vertentes, como a Sul e a Este, assim como no caos de blocos que configuram o topo do monte a que se dá o nome de Pico de San Francisco ou de Monte do Facho. Nas plataformas altas da vertente Norte foram descobertos, também, diversas gravuras, parte delas tapadas pelas construções de um povoado da Romanização (Martínez Tamuxe 1980, 1984; Costa Governa 1988; Pereira Garcia *et al.* 1999; Peña Santos 1986; Saco Cid 2001).

5. Ensaio interpretativo

Em primeiro lugar, podemos considerar que existe na Arriba Fóssil do entre Lima e Minho, assim como na colina de Montedor-Carreço, um grande número de gravuras rupestres da denominada arte atlântica⁹ que se distribuem, tanto pelas plataformas baixas, médias ou altas da vertentes, como nos planaltos da linha de cumeadas. Todos estes lugares se relacionam visualmente e espacialmente com as águas, nomeadamente com fontes, lameiros, ribeiros, rios ou o mar, pelo que consideramos que eles se interconectam simbolicamente com o percurso e a mobilidade deste elemento, quer ao longo da costa quer dos grandes ou pequenos cursos hidrográficos, desde as nascentes até às fozes. No “caminho das águas” as imagens estão sempre presentes mas, curiosamente, marcando os percursos pedestres de maior acessibilidade aos diversos vales ou aos cumes dos montes¹⁰.

Em segundo lugar, destacamos que é nas fozes dos principais rios e nos limites das grandes unidades geomorfológicas, com grande visibilidade para o estuário e para o mar, que se dá a maior concentração de lugares com gravuras rupestres.

É de salientar que, se nesta zona do Noroeste peninsular, as águas do mar se movimentam de Oeste para Este nas oscilações diárias das marés, intimamente ligadas com o ciclo lunar. Algo de similar ocorre com os principais cursos das águas

⁹ Sem exclusão da “arte esquemática”.

¹⁰ Embora não faça parte deste trabalho o conhecimento que temos da distribuição das gravuras ao longo da bacia dos rios Minho, Âncora e Lima são sintomáticos desta situação. Veja-se, por exemplo, o caso das gravuras das vertentes setentrionais do Monte de Góis, Caminha (Alves 2008), da Serra da Gávea, Vila Nova de Cerveira (Almeida 2000: 39) e do Monte Faro, Valença (Silva & Alves 2005; Alves 2008) que bordejam o rio Minho pela margem Sul. O mesmo se nota nas gravuras da Breia, Cardielos (Bettencourt 2005, Loureiro 2006, Almeida 2008) e do Penedo da Moura, Nogueira (Loureiro 2006) que, além de seguirem o percurso da ribeira de Nogueira (afluente da margem norte do Lima), da foz para o interior, respectivamente, ainda se encontram nas imediações de pequenos cursos de água e em zonas de portela, dos vales para o topo dos montes.

fluviais da área em estudo: os rios Minho, Âncora e Lima que, correndo de Este para Oeste, desembocam no mar num sentido muitas vezes contrário ao das marés, provocando alteração e desordem física, *quicá* simbolicamente importante. As fozes dos rios ou, se quisermos, as zonas de encontro entre dois mundos em movimento são pois áreas liminares, não só entre a terra e o mar, mas também entre o mar e os rios, o conhecido e o desconhecido, o ocaso e o nascente, o habitável e o inóspito, a ordem e a desordem, certamente significantes na percepção do mundo das comunidades pré-históricas cuja cosmologia deveria integrar os movimentos solares, lunares e das águas, fenómenos com os quais conviviam diariamente, em articulação com os principais marcadores físicos que guiam a mobilidade humana. Assim sendo, parece lícito perguntar se os lugares gravados nas zonas liminares não corresponderão a sítios de representação e de celebração do mundo e de reposição simbólica da ordem, de grande importância colectiva, onde as gravuras, *para além do seu sentido intrínseco ou induzido* (de integração das comunidades no meio, de ordenação dos cosmos, de memoriais de narrativas pré-existentes ou como processo de adição de novas narrativas) *parecem anexar outros lugares que visualizam*, neste caso, as fozes e os estuários dos grandes rios e os cumes do montes. De salientar que este tipo de lugares liminares, verdadeiras zonas de transição, são os que estão sujeitos a transformações rápidas, sentidas e vividas pelas comunidades à escala humana, pelo que a reorganização das forças ou dos espíritos da natureza, em termos ideológicos, poderia constituir uma prioridade das acções humanas.

Exemplo destes lugares poderão ser os mais de 30 *loci* com gravuras existentes nas diversas vertentes e no cume do Monte de Santa Tecla ou Trega, os cerca de 5 lugares já conhecidos no extremo Norte do Monte de Santo Antão (a Norte e Sul da foz do Minho, respectivamente) (Fig. 22) e a extremidade Sul da serra de Santa Luzia¹¹ (à foz do Lima)¹².

Curiosamente esses lugares são aqueles que, a nível regional, se mantiveram social e simbolicamente activos na longa duração, o que é evidenciado por acções, materialidades e narrativas que se vão adicionando e alterando os seus sentidos originais, numa percepção dinâmica do mundo, onde não cabem as biografias lineares entre a Pré-história e a História. Como diz R. Bradley (2003: 226) “*the remaking of the past in the past was both a creative act and an interpretative*”. Neste sentido um lugar que é reapropriado, renovado e reinventado, ao longo do tempo, dará azo ao que alguns autores designam por “*multivocal places*” (Joyce & Hendon 2000 in Pauketat & Alt 2003: 163).

¹¹ Desconhecemos até hoje gravuras rupestres no Monte Faro ou Alto do Galeão, Darque, Viana do Castelo, a Sul da foz Lima e em frente ao Monte de Santa Luzia mas é possível que elas existam. A florestação intensa dessa área tem dificultado a prospeção deste sítio, já muito perturbado por pedreiras.

¹² Há que registar que no estuário do rio Ulla, na Galiza, parece haver uma dinâmica similar ao que aqui se nota. Sobre o assunto consultar B. Comendador Rey (no prelo).

É por exemplo o caso da foz e do estuário do Lima (Fig. 23) onde, no Bronze Médio, foi efectuado um depósito de machados de tipo de Bujões/Barcelos, nas proximidades da confluência da ribeira de Fornelos com este rio¹³. Na Idade do Ferro, apesar da destruição de um afloramento com simbologia “atlântica”, é provável que continuassem a existir cultos neste local liminar materializados pelas estelas aí encontradas e pela poderosa “muralha” que se ergue à volta do pequeno aglomerado de penedos que coroam a parte mais elevada do monte e cuja função só poderá entender-se como simbólica. Em relação ao rio Lima, se acreditarmos que se trata do *Lethes*, relatado pelos romanos, temos de presumir que durante a Idade do Ferro, teria existido toda uma série de propriedades associadas às suas águas, nomeadamente o facto de elas provocarem o esquecimento a quem as atravessasse, o que só se compreende, segundo José Leite de Vasconcelos (1938) no contexto de uma mitologia que entende este domínio como divino. Na época romana, a importância religiosa deste lugar liminar continua e materializa-se, numa ara anepígrafa encontrada na ínsua onde, posteriormente, se ergueram as capelas de S. Lourenço e da Sr.^a das Areias, a sul do rio. A Norte, nos inícios da cristianização, ergueu-se um templo paleocristão sob a actual capela das Almas. A toda esta dinâmica de cristianização deverão associar-se alguns dos cruciformes do penedo encontrado na Citânia de Santa Luzia e o culto desta santa, na extremidade sul da serra com este nome, cuja ermida poderá ser anterior ao séc. XVII. Na contemporaneidade constrói-se, em sua substituição, a basílica do Sagrado Coração de Jesus ou Igreja de Santa Luzia.

Na foz do Minho registámos uma dinâmica similar, parcialmente explorada para o Monte de Santa Trega, por A. González Ruibal (2006/2007). Na margem Norte, durante o Bronze Médio e Final foram depositados em Camposancos, na plataforma fluvial e na parte inferior da vertente Sudeste do Monte de Santa Trega, dois machados de bronze de tipo Bujões/Barcelos (Fernandez Rodrigues 1960), assim como um machado de talão de duplo anel (Carballo Arceo 1989). Também na vertente Norte do Monte de Santa Trega, na área onde se implantou, posteriormente, um povoado da Romanização, parecem ter-se depositado diversos artefactos em bronze, atribuíveis ao Bronze Final e aos inícios da Idade do Ferro. Referimo-nos a uma foice de talão, um conto de lança, oito punhais (um deles de tipo Porto de Mós, entre outros de forma triangular¹⁴), além de pendentes de forma trapezoidal alongada e em sanguessuga (Calvo 1920, 1924; Mergelina 1945; Carballo Arceo 1989). Em local desconhecido deste monte terá aparecido, igualmente, um machado de talão de dupla argola e cone de fundição, de cronologia idêntica (Acuña 1971). No seu topo a descoberta de uma estátua de Hércules, em bronze, indicia que aqui se praticou o

¹³ No local onde hoje se construiu o Hotel Axis, em Viana do Castelo.

¹⁴ C. Mergelina (1945: 36) refere que um destes punhais foi encontrado no fundo de um canal de drenagem, em associação com abundantes fragmentos de ânfora. Dado o local do achado é possível colocar a hipótese de que esta peça estaria fora do seu contexto original.

culto e esta divindade do panteão romano. É, também nesta área que se implanta o culto a Santa Trega desde, pelo menos, o séc. XII¹⁵. Na toponímia e no imaginário popular persistiram ainda outros indícios de fundo mágico-religioso, como o eremitismo, que se pressupõe pela Fonte do Ermitán (curiosamente lugar de algumas gravuras rupestres), assim como cultos pagãos que se depreendem da lenda que diz haver três pedras contendo espíritos distintos. Uma conteria ouro, outra lume e, a terceira, água. Se alguém as tentasse abrir poderia ter sorte ou morrer, pois se fosse a que conteria água o mundo alagar-se-ia e todos morreriam afogados. Se fosse a que guarda o lume, dela sairiam monstros de lava que queimariam a terra convertendo-a num inferno. Do mesmo modo em Camposancos havia uma “*fada muito velha*” que levava os idosos a uma laje do Monte de Santa Trega para que ali morressem comidos pelos lobos ou pelas doenças¹⁶. A atribuição de espíritos ou de forças animadas ao próprio rio Minho permaneceu, indirectamente, através de interdições e de lendas. No primeiro caso, destacamos o facto da igreja, na Constituição Episcopal de Évora, em 1534, proibir bênçãos mágicas com espada a quem atravessasse os rios Minho e Douro três vezes. No segundo, salientamos as crenças que relacionam este rio com feiticeiras (Vasconcelos 1938) ou com um espírito que exigia, como tributo anual, o sacrifício de uma vítima humana pelos seus serviços profiláticos¹⁷. A sul do rio Minho, no Monte de Santo Antão presta-se culto a este santo¹⁸ perto de uma nascente associada a fenómenos relacionados com o aparecimento de luzes. De notar que as gravuras rupestres de St.º Antão I ainda se mantêm simbolicamente activas através de acções que implicam a deposição e amortização de vários artefactos (cf. Fig. 20c).

Em relação ao rio Âncora é de salientar que este desemboca no mar, no seio da plataforma arenosa, de forma distinta dos outros dois, sem grandes relevos que o marginem na sua fase terminal. Mesmo assim é de destacar a concentração de gravuras nas várias vertentes do Monte da Subidade, o mais perto da linha da costa (Fig. 24), o que, talvez, a uma escala menor, possa materializar um universo ideológico e uma forma de perceber o universo similar aquela que interpretámos para a foz do Lima e a foz do Minho.

Uma terceira constatação é a da ocorrência de gravuras que se distribuem nos troços baixos, médios e elevados das vertentes oeste dos relevos que formam a arribalitoral, ou sejam, os maciços graníticos de Santa Luzia e de Santo Antão. Estas bordejam o encontro do mar com a terra ao localizarem-se em lugares de visibilidade predominante para o oceano ou para o cume do monte. Desta forma parecem anunciar outro lugar liminar entre mundos opostos, como o mar, a terra e o monte,

¹⁵ St.ª Trega é uma virgem das primitivas comunidades cristãs que teria terminado a sua vida numa gruta, antes de desaparecer por detrás de uma rocha que se fechou para ocultar o seu corpo (www.acidigital.com).

¹⁶ Citadas em <http://www.slideshare.net/osnososavos/lendas-da-guarda-definitivo>.

¹⁷ Ver nota anterior.

¹⁸ St.º Antão é um santo do séc. IV de vida eremítica (www.acidigital.com).

que deverá ter sido celebrado e entendido de forma distinta das das fozes dos rios Minho e Lima.

No seio da plataforma litoral, a colina de Montedor assume-se como um local que se distingue dos demais pela sua localização privilegiada entre a serra e o mar (o que a torna um verdadeiro marco natural no corredor costeiro); pela sua ampla visibilidade para toda a plataforma costeira, onde avista o Monte de Santo Antão e o Monte de Santa Tecla, a Norte e a serra de Santa Luzia a Sul; pela variedade e estranheza de muitas das suas geoformas (Carvalhido *et al.* 2009) e pela distribuição das suas gravuras por todas as vertentes. Tendo em conta estas características é possível que tenha sido mais um lugar de grande significação simbólica na paisagem pré-histórica, *quicá* local de encontro entre diferentes mundos cosmológicos, à semelhança do que defendeu Helskog (2004) para a arte rupestre da Europa nórdica, mas, simultaneamente, de pessoas de um lado e do outro da plataforma (Fig. 25). De notar que também este local permaneceu simbolicamente activo na longa duração tendo algumas gravuras e rochas sido cristianizadas e tendo-se aí prestado culto a S. Sebastião até, pelo menos, aos finais do séc. XVI (Alves 1989).

Em quarto lugar, cabe-nos referir que, ao contrário do que seria de esperar, as rochas gravadas nos locais mais altos (topos pedregosos ou planaltos) apresentam sempre um número restrito de motivos, aparentemente sem sobreposições ou processos de adição¹⁹. Pelo contrário, as rochas mais complexas, com maior número de composições e, por vezes, com sobreposições localizam-se nas plataformas inferiores ou médias das vertentes, sem que com isto queiramos afirmar que desaparecem destas cotas, os gravados simples.

Se é aceitável que diferentes lugares possam ter diferentes significados consoante o número de participantes que a sua implantação topográfica permitisse conter em seu redor, no âmbito das acções que aqui se realizariam (Bradley 1997), também é possível contar com outras variáveis, nomeadamente de ordem cultural como, por exemplo, a de prováveis interdições a determinados lugares de grande importância mágico-religiosa mesmo que fisicamente acessíveis a um grande número de pessoas. Assim, partimos da presunção de que os *loci* gravados com um menor número de imagens, corresponderiam a lugares frequentados menos vezes e por um número restrito de personagens e que os sítios monumentais, de maior complexidade, seriam os de maior audiência e de maior número de cerimónias de sociabilização e de intermediação com o intransponível, por se encontrarem nas imediações dos povoados e em situação de mediação física entre o mundo “habitado” e os lugares liminares dos cumes, nos limites da terra e do céu, fontes de água e de vida e de grande “controlo visual” sobre o mundo.

Exemplos de lugares gravados de menor acessibilidade poderiam ser os da parte mais elevada do Monte de Santa Trega, no conhecido Pico de San Francisco, e o

¹⁹ Que necessita de uma base empírica maior para a sua confirmação.

de Montes da Areosa I, nos planaltos superiores da Serra de Santa Luzia. Pela sua complexidade, amplitude e localização na base da vertente oeste da serra de Santa Luzia, a Laje da Churra poderia ser um desses sítios monumentais, cenário de grande audiência. A complexidade de motivos de Santo Antão I também sugere igual interpretação mas a maior parte das composições aí gravadas sugerem-nos utilização posterior ao que vulgarmente denominamos por arte atlântica, se bem que possam ter aí existido algumas gravuras anteriores. É possível que lugares como o Lajão I, as Bouças e o Penedo das Micas, localizados em plataformas médias de diferentes vertentes, pudessem ter tido um papel intermédio em termos da complexidade simbólica das comunidades que os construíram e frequentaram, mas esta é outra hipótese a necessitar de confirmação.

Ao ser assim, os lugares com gravuras rupestre, revelariam, igualmente, a desigualdade social inerente a outros cenários pré-históricos, como é o caso dos monumentos megalíticos funerários de corredor e dos recintos monumentais pois a frequência dos sítios mais inóspitos, mais longínquos e talvez de maior importância simbólica seria destinada apenas a alguns, com maior poder social, talvez os mesmos que acionam os actos performativos nos lugares de maior audiência.

Em 1997, R. Bradley admitiu que a distribuição da arte rupestre atlântica se associa a um padrão que pressupõe uma certa mobilidade das populações, provavelmente associada a actividades pastoris. Se partirmos do pressuposto que as apreensões do mundo resultam da vivência dos fenómenos em articulação com o meio, o modo de vida e a história em que cada um se insere, cremos que tal tipo de actividade, em associação com a caça e a recolção, são as que melhor se coadunam com uma percepção do mundo que dá importância ao movimento (das águas, dos ciclos solares e lunares, dos animais, do homem) assim como aos acidentes geomorfológicos como marcadores da mobilidade. Tendo em conta as restantes materialidades conhecidas para a Pré-história Recente desta região, este modo de vida parece ter sido praticado, essencialmente, desde o Neolítico até ao Bronze Inicial (Bettencourt 2009). Mas, se tivermos em conta que, durante o Bronze Inicial, alguns destes lugares foram alvo de reutilização e de reinterpretação simbólica, é admissível colocar a origem da “arte atlântica” durante o Neolítico ou os inícios do Calcolítico regional. De destacar, que só no quadro de uma grande mobilidade será fácil explicar a grande área de expansão da denominada “arte atlântica” no Noroeste peninsular.

Não quero terminar sem deixar claro que as interpretações efectuadas se deverão encarar essencialmente como hipóteses de trabalho, tendo em conta o teor da base empírica usada. Elas correspondem a uma série de reflexões que estes lugares nos suscitam e pretendem, acima de tudo, nortear novos projectos que explorem as materialidades arqueológicas, as fontes escritas e o mundo imaterial das lendas em inter-relação com os espaços naturais, num trabalho interdisciplinar entre a Arqueologia, a História, a Geologia e a Antropologia.

Bibliografia

- ACUÑA CASTROVIEJO, F. 1971. Catro machados de bronce inéditos. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 78 (26): 43-44.
- ALMEIDA, C.A.B. 2000. *Pelos Caminhos do Património de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.B. 2008. *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo I. Da Pré-História à Romanização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- ALVES, L.B. 2003. *The Movement of Signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. Dissertação de PhD apresentada à Universidade de Reading.
- ALVES, L.B. 2008. O sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciador no Norte de Portugal. In R. de Balbín Behrmann (ed.) *Arte Pre-histórico al aire libre en el sur de Europa*. Junta de Castilla y Leon: 381-413.
- ALVES, L. 1980. *Carreço na Pré-História, Boletim da Comissão de Festas de Nossa Senhora da Graça*. Carreço.
- ALVES, L. 1981. Petróglifos da Laje da Churra (Carreço). *Boletim da Comissão de Festas de Nossa Senhora da Graça*. Carreço.
- ALVES, L. 1989. *A Comenda de Santa Maria de Carreço (Monografia)*. Viana do Castelo.
- BAPTISTA, I. 1986. Arte Rupestre de Carreço. *Centro de Estudos Regionais. Boletim Cultural* 3: 117-128.
- BAPTISTA, I. & MAGALHÃES, C. 1985. Arte rupestre de Carreço. *Centro de Estudos Regionais. Boletim Cultural* 2: 92-102.
- BETTENCOURT, A.M. 2005. Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións S.L.: 161-165.
- BETTENCOURT, A.M. 2009. A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho: 70-113.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. London/NewYork: Routledge.
- BRADLEY, R. 2002. Access, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC. *Oxford Journal of Archaeology* 21 (3). Oxford: 231-247.
- BRADLEY, R. 2003. The translation of time. In R.M. Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 221-227.
- BRAGA, J. 2007. A medialidade simbólica da imagem no mundo mítico-religioso. Comunicação oral proferida na 11.ª Mesa-Redonda de Primavera. *Crenças, Religiões e Poderes: dos Indivíduos às Sociabilidades*. Porto: Departamento Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto e SEFARAD – Associação Cultural, 22 e 23 de Março.
- CALVO, I. 1920. *La Guardia (Pontevedra). Exploraciones arqueológicas verificadas en los años 1914 a 1920*. Madrid.
- CALVO, I. 1924. *Monte de Santa Tecla en Galicia*. Madrid: Junta Superior de Excavaciones y Antigüidades, n.º 62.

- CARDOSO, F. 1897. Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello. *O Archeologo Português* 3: 170-172.
- CARVALHIDO, R.; PEREIRA, D. & BRILHA, J. 2009. Inventariação do património geomorfológico do litoral do concelho de Viana do Castelo. *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos* 6: 299-304.
- COMENDADOR REY, B. (no prelo). Space and memory at the mouth of the river Ulla (Galicia, Spain). In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fabregas Valvarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*. Oxford. BAR, International Series S2058: Archaeopress.
- COSTA GOBERNA, F.J. 1988. Consideraciones sobre la posibilidad de acercamiento cronológico a los petroglifos del Castro de Santa Tecla. *Revista de Ciências Históricas* 3. Porto: Univ. Portucalense: 39-55.
- DINIS, A. & BETTENCOURT, A.M.S. 2009. A Arte Atlântica do Crastoeiro (Noroeste de Portugal): contextos e significados. *Gallaecia* 28. Santiago de Compostela: 41-47.
- FERNANDEZ RODRIGUEZ, M. 1960. Notas prehistóricas del Suroeste de Galicia. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 46 (15): 249-252.
- FERREIRA, O.V.; FERREIRA, S.V.; FERREIRA, F.D. & SIMÕES, S. 1980. Novas insculpturas pré-históricas descobertas na citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo). *Gallaecia* 6: 217-226.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 2006/2007. *Galaicos. Poder y comunidade n el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*, vol. 1. Brigantium 18. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña.
- HELKOG, K. 2004. Landscape in rock art: rock carving and ritual in the old European North. In C. Chipindale & G. Nash (eds.) *The figured landscape of rock art: looking at pictures in place*. Cambridge: Cambridge University Press: 265-288.
- HODDER, I. 1982. *The Present Past. An introduction to anthropology for archaeologists*. London: Batsford.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment*. London: Routledge.
- JONES, A. 2007. *Memory and Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press: 265-288.
- JOYCE, R.A. & HENDON, J.A. 2000. Heterarchy, history and material reality: “communities” in Late Classic Honduras. In M.A. Canuto & J. Yaeger (eds.) *The Archaeology of Communities: a New World Perspective*. London: Routledge: 143-160.
- LANHAS, F. 1970. As gravuras rupestres de Montedor. *Revista de Etnografia* 26: 367-383.
- LAYTON, R. 1991 (2.^a ed.). *Anthropology of Art*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOUREIRO, L. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo). *Al-Madan* 14 (IV – Adenda Electrónica): 1-6. www.almadam.cidadevirtual.pt/www.almadam.publ.pt
- MARTINEZ TAMUXE, X. 1980. Manifestaciones rupestres en el Monte de Santa Tecla. *Tui. Museo y Archivo Histórico Diocesano* 3: 291-316.
- MARTÍNEZ TAMUXE, X. 1984. *Citania y museo arqueológico de Santa Tecla*. A Guarda: Xunta de Galicia (2.^a ed. 1987).

- MERGELINA, C. (1945). La Citania de Santa Tecla. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 37-39: 1-54.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. & COSTAS GOBERNA, F.J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la ribeira portuguesa del Miño. *Boletín del Instituto de Estudios Viguenses* 10: 177-204.
- PAÇO, A. (1970/1071). *Trabalhos de arqueologia de Afonso Paço (1929-1968)*, 2 vols. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- PAUKETAT, T.R. & ALT, S.M. 2003. Mounds, memory and contested mississippian history. In R.M. Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 151-179.
- PEÑA SANTOS, A. 1986. *Yacimiento galaico-romano de Santa Trega (A Guarda, Pontevedra). Campaña de 1983*. Arqueoloxía/Memorias 5. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- PEREIRA GARCÍA, E.; COSTAS GOBERNA, F.J. & HIDALGO CUÑARRO, J.M. 1999. Petroglifos en los Castros Gallegos. *Actas do Congreso de Proto-História Europeia* [volume especial da Revista de Guimarães]. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento: 793-818.
- REGO, A.B. 2003. Por falar em pedras... *Melro d'Água* 9: 4. Vila Praia de Âncora: Nuceartes.
- SACO CID, A. 2001. *Coincidências cartográficas del petroglifo (Pico de San Francisco) com las señas arqueológicas del Monte Santa Trega*. GA36023024. A Guarda: Concello de A Guarda.
- SANTOS-ESTÉVEZ, M. 2008. A new proposal for the chronology of Atlantic rock art in Galicia (NW Iberian Peninsula). In G. Nash & G. Children (eds.) *The Archaeology of Semiotics and the Social Order of Things*. Oxford. Bar International Series 1833: 140-152.
- SARMENTO, F.M. 1999. *Antiqua – Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SILVA, A.M. & ALVES, L.B. 2005. Roteiro de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Vigo: Planeta S.L.: 189-219.
- THOMAS, J. 2004. *Archaeology and Modernity*. London and New York: Routledge.
- VASCONCELOS, J.L. 1938. *Opúsculos. Etnologia*, Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A. 1930. Estações Paleolíticas do Alto Minho. *Portucale* 3 (15): 189-235.
- VIANA, A. 1955. Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo). *Zephyrus* 6.
- VIANA, A. 1960. Inscrições rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço – Viana do Castelo, Portugal). *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* 22 (1-4): 209-231.



Fig. 1. Mapa da Península Ibérica com pormenor da área de trabalho.



Fig. 2. Plataforma litoral e colina de Montedor
(fot. retirada do site: <http://graphoto.no.sapo.pt/imagens/faroljpg>).



Fig. 3. O Monte de Santo Antão e, em último plano, a serra de Santa Luzia, vistos a partir do Monte de Santa Trega, na Galiza (fot. retirada do site: www.aguarda.com/fotos/data/502/1monte_santa_tegra.jpg).



Fig. 4. O monte de Santa Trega à foz do Minho.



Fig. 5. Extremo sul da serra de Santa Luzia e foz do rio Lima (fot. retirada do site: www.portugalvirtual.pt).

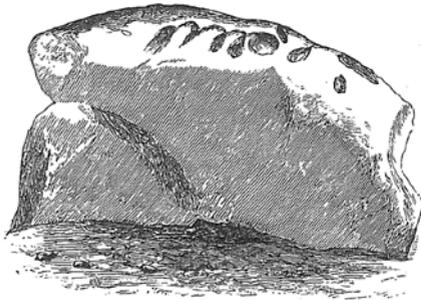


Fig. 6. Afloramento gravado com covinhas e sulcos na extremidade sul de Santa Luzia (seg. F. Cardoso 1897: 171).



Fig. 7. Decalque do afloramento com um antropomorfo, pequenos sulcos e cruciformes de base arredondada e quadrangular encontrado na área da citânia de Santa Luzia (seg. Ferreira *et al.* 1980).



Fig. 8. Estelas encontradas na citânia de Santa Luzia (seg. Ferreira *et al.* 1980). A do meio integrava a parede da casa n.º 69.



Figs. 9a, 9b. Vista geral do Cabeço da Boucinha I, lugar de S. Mamede, Areosa e pormenor de círculo concêntrico.



Figs. 10a, 10b. Vista geral das gravuras dos Montes da Areosa I, lugar de S. Mamede, Areosa e pormenor de uma das espirais.

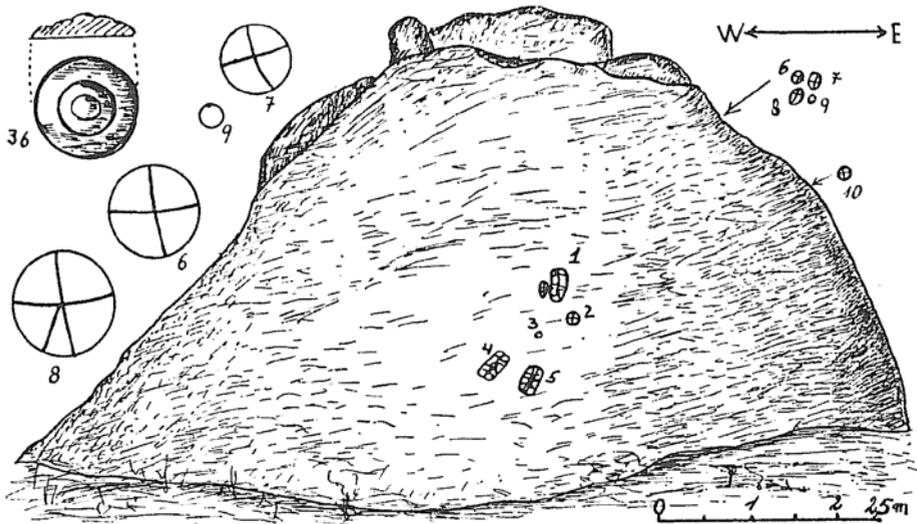


Fig. 11. Gravuras de Figueiró I, Troviscoso (seg. Viana 1960: 223).



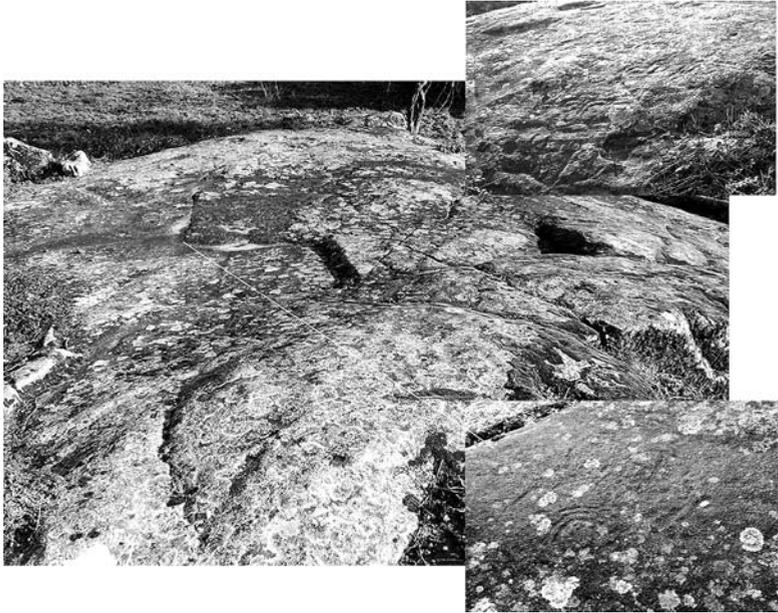
Figs. 12a, 12b. Vista geral do lugar de Fornelos I e II e pormenor dos zoomorfos das gravuras de Fornelos I, Carreço.



Figs. 13a, 13b. Fraga do Bica, Carreço e decalque parcial do local (seg. Baptista 1986).



Figs. 14a, 14b. Amontoado de caos graníticos da Sinadora I, Carreço, e pormenor de um dos afloramentos gravados com motivos circulares.



Figs. 15a, 15b, 15c. Vista da Laje da Churra, lugar de Paçô, Carreço e pormenores das gravuras (fot. 15a de A.C. Santos).



Fig. 16a, 16b. Apecto geral do Lajão I, Paçô, Carreço, e pormenor da área gravada com círculos concêntricos.

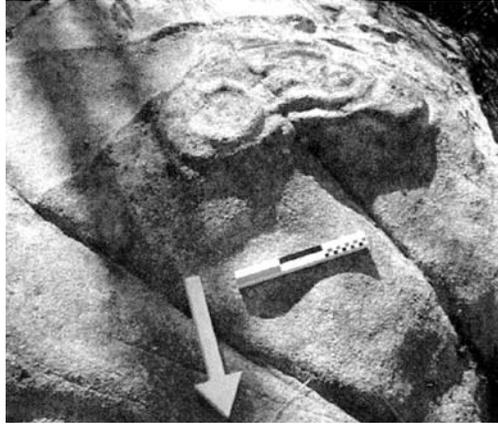


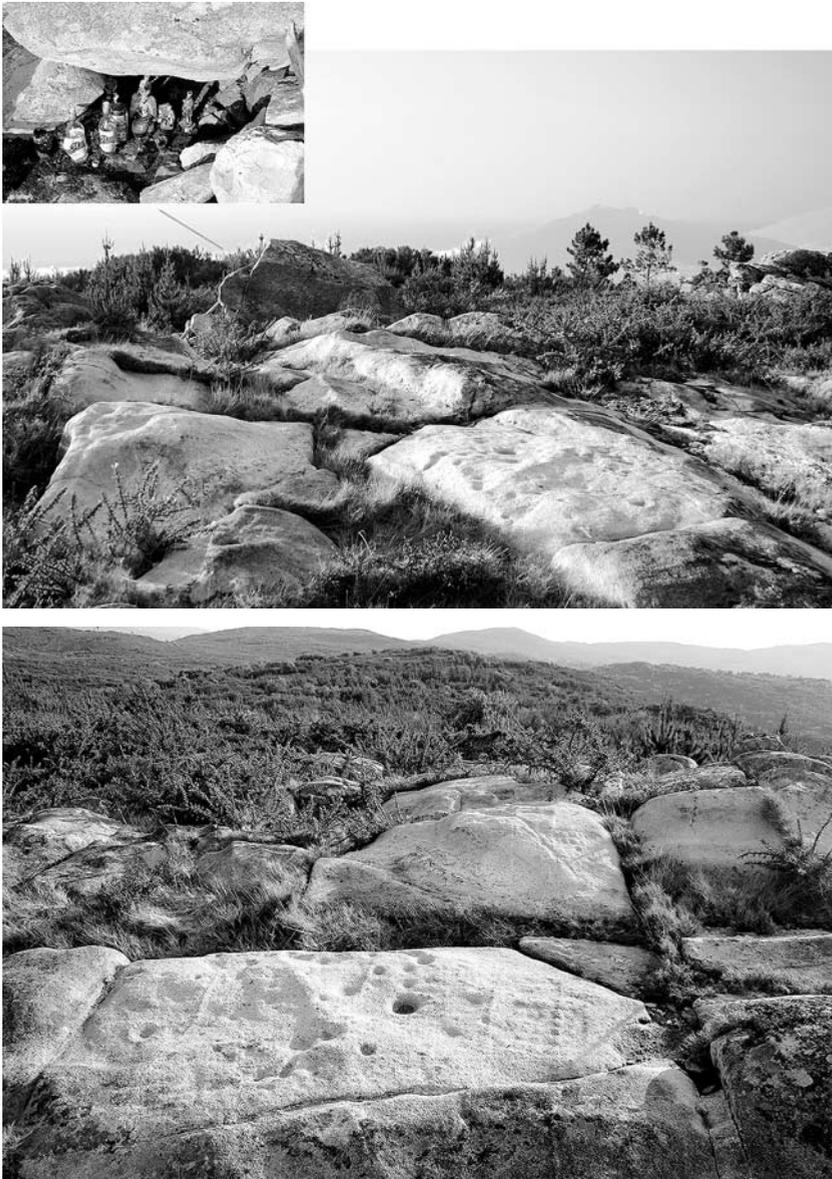
Fig. 17. Pormenor das gravuras rupestres do Monte da Suvidade, Afife (fot. de A. Maciel).



Fig. 18. Gravuras da Bouça, Âncora (fot. de A. Maciel).



Fig. 19. Penedo das Micas I, Cristelo (fot. extraída do blogue http://epimeteu.blogspot.com/2006_12_01_archive.html).



Figs. 20a, 20b, 20c. Aspecto geral do Lugar de Santo Antão I, Moledo, pormenor de grelhas quadrangulares, covinhas, entre outros motivos de difícil interpretação e depósitos resultantes de cultos praticados no local (fot. de L. Vilas Boas).



Fig. 21. Santo Antão II, Moledo.

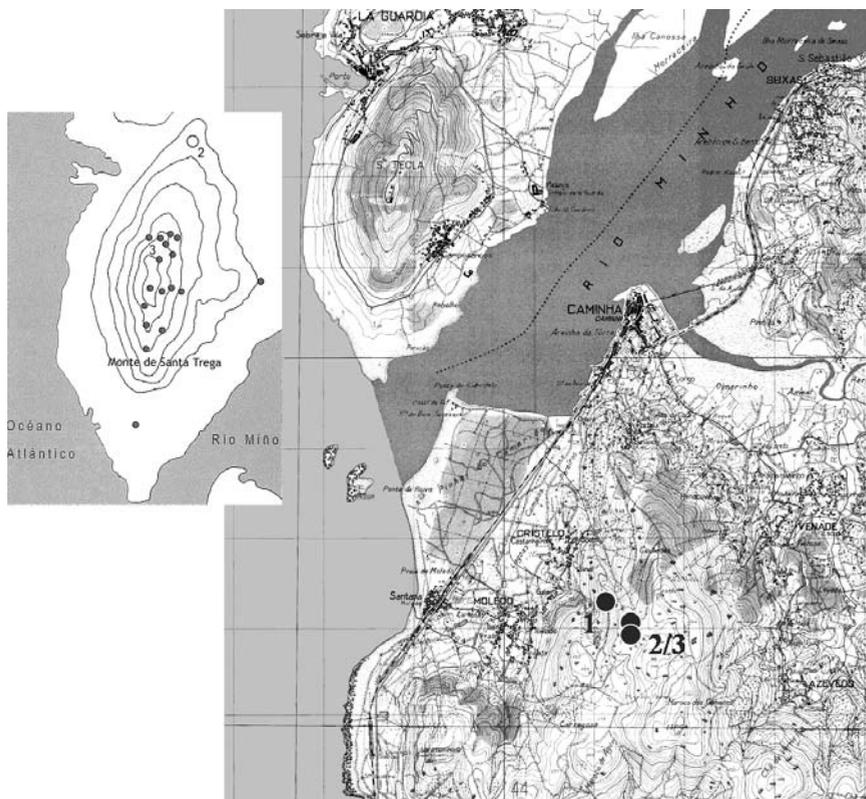


Fig. 22. Distribuição das gravuras rupestres no Monte de Santa Tecla (seg. González-Ruibal 2006-2007: 109) e do Monte de Santo Antão segundo a Carta Militar de Portugal, n.º 14 (1 – Penedo das Micas; 2 e 3 – Santo Antão I e II).



Fig. 23. Localização dos achados e das gravuras no extremo sul da serra de Santa Luzia, à foz do rio Lima, segundo a Carta Militar de Portugal, n.º 40 (1 a 4 – Afloramento com covinhas e sulcos, bloco com espiral, afloramento com motivos esquemáticos, estelas, área da Citânia de Santa Luzia e da Basílica do Sagrado Coração de Jesus; 5 e 6 – Cabeço da Boucinha I e II; 7 – Montes da Arosa I; 8 – Eira do Louvado/Quinta de Troviscoso).

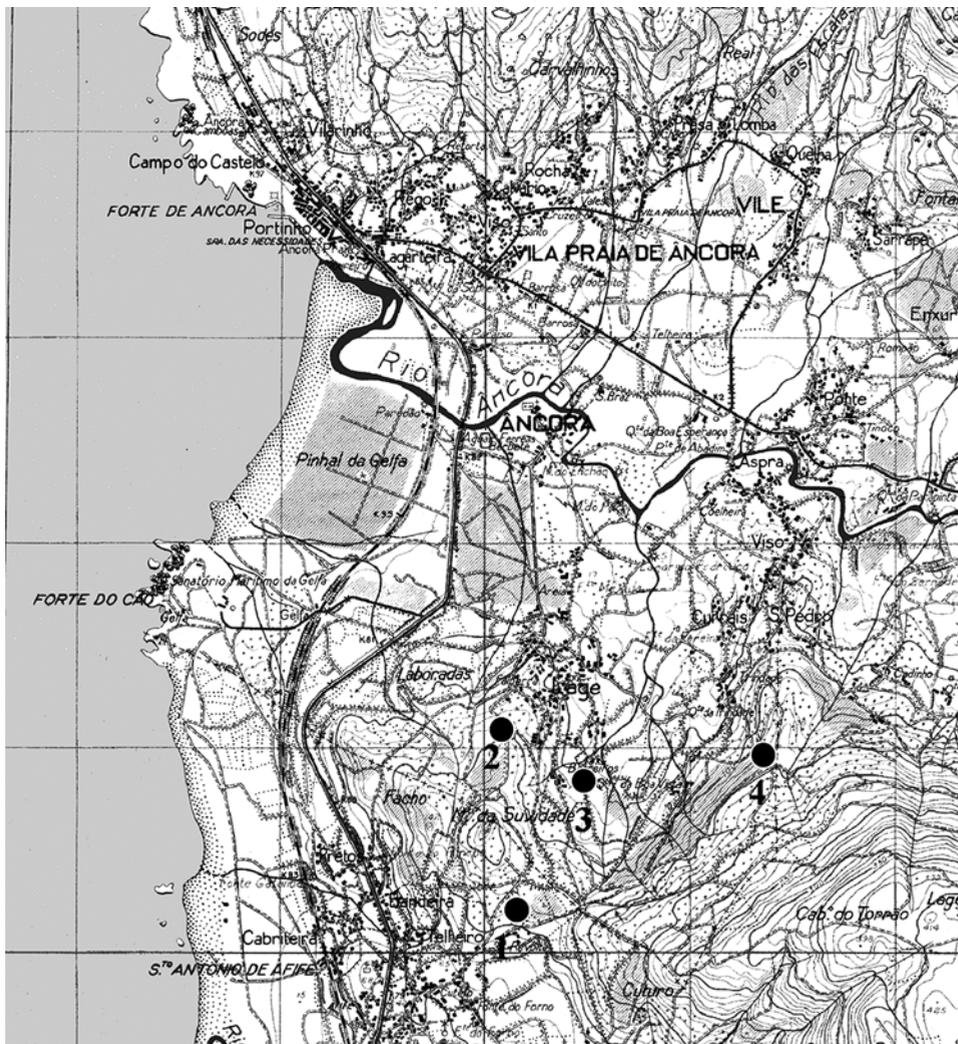


Fig. 24. Distribuição das gravuras rupestres no extremo norte da serra de Santa Luzia, à foz do rio Ancora, segundo a Carta Militar de Portugal, n.º 27 (1 – Monte da Suvidade; 2 – Lugar de Barreiros; 3 – Quinta do Socorro; 4 – Bouça).

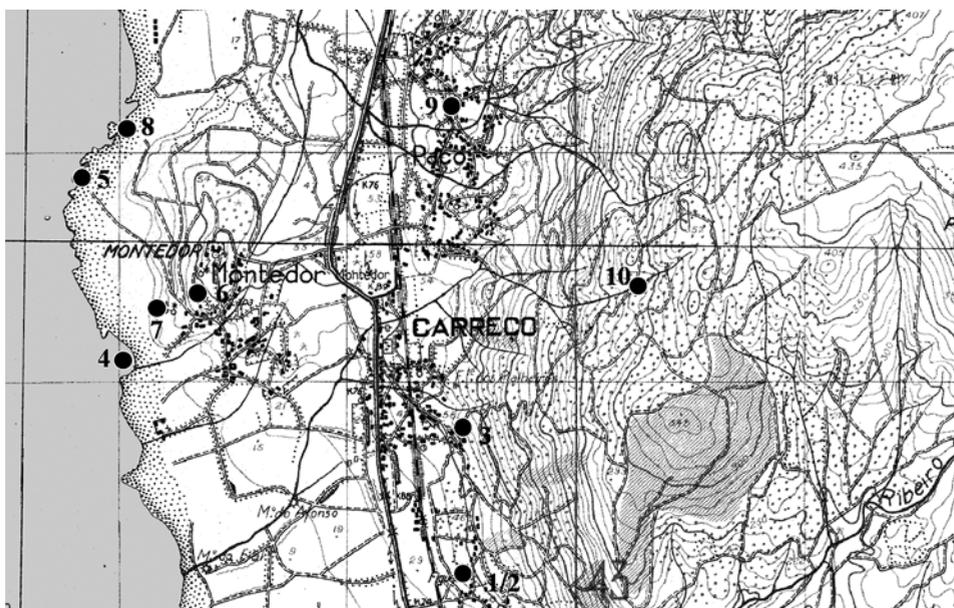


Fig. 25. Distribuição das gravuras na colina de Montedor e áreas adjacentes, segundo a Carta Militar de Portugal n.º 27 (1 e 2 – Figueiró I e II; 3 – Laje da Lança/Eira dos Pobres; 4 – Fornelos I e II; 5 – Sinadora I; 6 – Cortelho ou Fraga do Bica; 7 – Lugar dos Moinhos; 8 – Pedra do Sol; 9 – Lage da Churra; 10 – Lajão I).